

**NIEP  
MARX**Núcleo Interdisciplinar de Estudos e  
Pesquisas sobre Marx e o Marxismo

# Marx e o Marxismo 2013: Marx hoje, 130 anos depois

Universidade Federal Fluminense – Niterói – RJ – de 30/09/2013 a 04/10/2013

TÍTULO DO TRABALHO			
Notas críticas à Marx e a América Latina, de José Aricó			
AUTOR	INSTITUIÇÃO (POR EXTENSO)	Sigla	Vínculo
Hugo Figueira Corrêa	Universidade Federal Fluminense	UFF	Professor
COAUTOR 2			
Flávio Ferreira de Miranda	Universidade Federal Fluminense	UFF	Doutorando
RESUMO (ATÉ 20 LINHAS)			
<p>São bastante conhecidos os escritos de Marx sobre economias ditas “periféricas” e pré-capitalistas. Não menos conhecidas são as controvérsias por eles geradas, já que entre eles podem ser encontradas diferenças marcantes antes e depois dos anos 1850, no que diz respeito às possibilidades de desenvolvimento na periferia do capitalismo. Diante de tal fato, o teórico marxista José Aricó propõe-se a apresentar uma resposta à seguinte indagação: Por que Marx teria dado pouca atenção à América Latina? Para tanto esboça duas hipóteses: Marx tivera dificuldade em abandonar completamente a filosofia hegeliana, recuperando a noção de “povos sem história”; e identificara os processos de independência no continente com o bonapartismo, i.e., não poderia aceitar o Estado como instância produtora da sociedade civil, nos termos de Aricó.</p> <p>Este artigo, de caráter introdutório, pretende debater as hipóteses levantadas por Aricó à luz da teoria da história de Marx – desenvolvida ao longo de toda a sua obra e já presente desde, pelo menos, <i>A Ideologia Alemã</i> – bem como os processos históricos concretos com os quais Marx estava lidando e nos quais ele próprio estava imerso. Além disso, pretende-se argumentar que o erro de Aricó não está apenas em suas respostas, mas na própria pergunta do autor. Mais importante do que indagar o porquê das diferenças entre os escritos e da pouca atenção de Marx à América Latina, parece-nos buscar na evolução desses escritos de Marx a trilha para se entender o “mercado mundial”.</p>			
PALAVRAS-CHAVE (ATÉ TRÊS)			
Karl Marx; José Aricó; história da América Latina			
ABSTRACT			
<p>Marx's writings about “peripheral” and non capitalist societies are well known. And not less known are the controversies it raises, since exists among those writings deep differences (before and after 1850) in the way of looking to the possibilities of development in the capitalist periphery. Looking at this fact, the Marxist intellectual José Aricó had tried to discover why Marx had given so much little attention to Latin America. Aricó puts forward two hypothesis: that Marx had had problems in abandoning completely the Hegelian philosophy, recovering from him the notion of “nonhistoric peoples”; and that Marx had identified the process of independence in the Latin America with his notion of bonapartism. This paper tries to debate these hypothesis considering Marx's theory of history, as well as some of the historical process that Marx was watching, but that also surrounded him. Furthermore, we argue that the main problem with Aricó's theory does not lies in his answers, but in his questions.</p>			
KEYWORDS			
Karl Marx; José Aricó; Latin-American history			
EIXO TEMÁTICO			
Marxismo e a América Latina			

## Notas críticas à *Marx e a América Latina*, de José Aricó

### Aricó, Marx e Bolívar

José María“Pancho” Aricó (1931-1991) pode ser considerado um dos mais importantes intelectuais marxistas latino-americanos do último século. Aricó foi um dos membros mais destacados de um grupo denominado “gramscianos argentinos”, conhecido entre outras razões por editar diversos clássicos da literatura marxista em solo latino-americano, além da importante revista *Pasado y Presente*<sup>1</sup>. Em 1980, o intelectual argentino publicou uma de suas mais importantes obras, *Marx e a América Latina*, no qual o autor contesta os escritos de Marx sobre a região, especialmente a partir do ensaio “Bolívar y Ponte”.

Marx havia escrito, entre 1857 e 1858, uma série de verbetes para a *The New American Cyclopoedia* (diversos dos quais em conjunto com Engels)<sup>2</sup>. O mais famoso deles foi justamente aquele sobre Simon Bolívar. Escrito em tom ácido (e repleto de inconsistências historiográficas), o texto caracterizava Bolívar como um sujeito medíocre, dissimulado, oportunista, covarde e sanguinário com inclinações para a tirania – entre outras qualificações ainda menos dignas.

Tampouco a independência (os problemas e as bandeiras históricas levantadas por seus líderes, o significado da dominação espanhola etc.) é problematizada em maiores detalhes – esforço que poderia levar Marx a conhecer melhor as razões pelas quais a figura de Bolívar encontrava tanto apoio (como continua a encontrar em setores progressistas) na região. Assim, no relato marxiano, a figura do líder latino-americano aparece destituída de qualquer virtude. Além de fazer “terra arrasada” sobre a reputação de Bolívar, o artigo de Marx sobre o líder venezuelano deixava transparecer o que pode ser qualificado como um viés eurocêntrico sobre os latino-americanos de modo geral, que frequentemente, sob essa perspectiva, são tidos como menos astutos, valorosos ou esforçados que os europeus<sup>3</sup>.

É certo que, assim como acontece com boa parte dos escritos de Marx sobre a situação das colônias e do mundo não capitalista no período, o artigo não foi escrito como parte fundamental das

---

<sup>1</sup>Para melhor conhecer a trajetória de Aricó e do grupo organizado em torno da *Pasado y presente*, ver Burgos (1999) e Crespo (2001). Para uma avaliação crítica, mesmo que breve, do grupo – sobretudo por sua trajetória política, que nos anos 1980 e 1990 voltou-se para a socialdemocracia – ver Kohan (2013b).

<sup>2</sup>De acordo com Kohan (2013, p. 179), Marx e Engels escreveram, no total, 67 artigos para a referida enciclopédia, dos quais 51 foram escritos por Engels sobre pesquisas realizadas por Marx.

<sup>3</sup>“Bolívar debía hacer frente a un enemigo privado de toda clase de recursos, cuyos efectivos se reducían a 4.500 hombres, las *dos terceras partes de los cuales, además, eran nativos y mal podían, por ende, inspirar confianza a los españoles*. [...] El súbito retiro de su legión extranjera, *más temida por los españoles que un número diez veces mayor de colombianos*, brindó a Morillo una nueva oportunidad de concentrar refuerzos”. (Marx, 1972, p. 87. grifos meus)

pesquisas de Marx, que começara então a empreender os esboços fundamentais de sua crítica à economia política. Também é verdade que, especificamente no caso dos escritos sobre a América Latina, a disponibilidade de fontes confiáveis ao alcance de Marx era limitada. Mas nem uma nem outra coisa bastam para explicar as razões da postura marxiana<sup>4</sup>.

Primeiramente, porque, como fica claro na carta a Engels no mesmo período, não só estava convicto das opiniões ali expressas, como as defendeu inclusive contra seu editor:

Además Dana [Charles Dana, o editor de Marx] me pone reparos a causa de un artículo más largo sobre “Bolívar”, porque estaría escrito en un partisanstyle, y exige mis authorities. Estas se las puedo proporcionar, naturalmente, aunque la exigencia es extraña. En lo que toca al partisanstyle, ciertamente me he salido algo del tono enciclopédico. Hubiera sido pasarse de la raya querer presentar como Napoleón I al canalla más cobarde, brutal y miserable. (MARX, 1972b, p. 94)

Em segundo, embora neste momento a opinião pública estivesse, de modo geral, contra Bolívar na Europa, mesmo considerando apenas as referências indicadas no artigo – os livros de DucoudrayHolstein, Hippisley e Miller, três militares europeus cujas experiências pessoais nas campanhas narradas seriam suficientes, por si só, para pôr em dúvida sua imparcialidade – Marx teria adotado uma postura notoriamente mais próxima dos dois primeiros, que eram mais críticos de Bolívar, do que do último, que ainda se permitia elogios ao latino-americano, segundo Scaron (1972, p. 106-7)<sup>5</sup>.

De mais a mais, é preciso notar que o artigo sobre Bolívar seria apenas um dos diversos momentos nos quais Marx (e com ele também Engels) teria supostamente revelado uma perspectiva eurocêntrica, uma leitura determinista da história, na qual o desenvolvimento capitalista da Europa ocidental serviria de modelo para as demais partes do mundo e certa falta de atenção com o mundo “não capitalista”. Neste caso, são sempre lembrados os artigos escritos por Marx, mais ou menos no mesmo período, acerca da situação colonial na Índia e na China, além de sua avaliação sobre a situação dos povos do leste europeu e da Irlanda. Não convém aqui recuperar todos esses textos. Já expusemos, em outro momento, uma avaliação ainda que inicial sobre a questão<sup>6</sup>. Por ora, seria importante sublinhar apenas que, convergimos (ainda que parcialmente) com as análises de outros autores, como Kohan (1998) e Anderson (2010), que já haviam destacado a evolução na percepção marxiana sobre o problema – que nos últimos anos de sua vida se dedicou com afinco a ampliar seus estudos sobre esses povos.

Lembrar desses textos, contudo, é de grande relevância neste contexto, uma vez que a crítica de Aricó, à qual passaremos a nos dirigir, baseia-se fundamentalmente em uma suposta “herança

---

<sup>4</sup> O próprio Aricó (1982, *passim*) faz um bom trabalho em rechaçar tais hipóteses.

<sup>5</sup> Ver Kohan (2013, p. 179) e a bibliografia ali citada. Kohan observa ademais que Hippisley, um dos mais “agressivos” críticos usados por Marx, teria mesmo escrito a Bolívar se retratando por seu texto, embora deixe claro também que não se sabe se Marx conhecia essa retratação.

<sup>6</sup> Cf. Saludjian et al. (2013).

hegeliana" presente em Marx e Engels. Antes de seguir adiante chamamos a atenção para o fato de que Aricó não foi o primeiro ou o único a levantar essa hipótese. Assim, note-se, a título de exemplo, que, ainda na década de 1920, o marxista ucraniano Roman Rosdolsky (1993) defendera sua tese doutoral a respeito dos “povos não-históricos” em Marx e Engels (publicada décadas depois com foco nos escritos de Engels sobre o leste europeu). Aliás, como lembrado por Kohan, mesmo falando especificamente da América Latina, a hipótese já havia sido aventada quase uma década antes por Ramos (2012, p. 195) e pelo próprio Scaron (1972, p. 105), entre outros.

### **As razões da América Latina ausente, segundo Aricó**

Em primeiro lugar, nos parece fundamental apresentar a questão a partir da pergunta central de Aricó: por que Marx prestara pouca atenção à América Latina? Antes de tudo, Aricó esforça-se por mostrar que a ausência de boas fontes de informação não teria sido um problema. Segundo ele, para escrever sobre Bolívar, por exemplo, Marx teria lido textos favoráveis ao “Libertador das Américas” e que se desejasse maiores informações sobre o continente bastaria recorrer ao acervo da biblioteca do Museu Britânico – informação essa que, como mencionado acima, é em si questionável. De mais a mais, nos parece ser digno de nota que, ainda que houvesse material disponível a Marx, deveria ter sido ao menos considerada a possibilidade de ele simplesmente não ter tido tempo de se dedicar ao estudo detalhado e a escrever sobre todos os cantos do globo terrestre!

De todo modo, partindo desse questionamento, o autor conclui que:

Ao rejeitar o argumento da insuficiência de seus conhecimentos [i.e., de Marx], porque, como já dissemos, eles não eram totalmente desprezíveis e porque, se quisesse ampliá-los, teria a seu alcance no Museu Britânico toda informação de que necessitasse, pode-se concluir que optar por analisar um determinado tipo de sociedade e não outra expressa, de maneira explícita, uma indefinição marxiana em relação aos aspectos que, em parte, *aproximam* mas que, em sua maioria, *distinguem* as sociedades latino-americanas das asiáticas no sistema colonial capitalista. Se o definir-se implica, necessariamente, uma prévia constituição de um sistema classificatório e se este nos remete a uma ideologia sobre a qual se constitui, o ‘paradoxo’ marxiano demanda um outro tipo de explicação. (...) O ‘paradoxo’ marxiano, de certa forma, nos projeta a reiterada imagem, transformada em ideologia, de uma América colocada fora da história e destinada a ser, inquestionavelmente, reflexo da Europa. (ARICÓ, 1982, p. 47)

Assim, a questão sobre a ausência latino-americana posta por Aricó se traduz em outra: haveria algo no modelo teórico de Marx que o levaria a descartar a América Latina como espaço geográfico relevante para seus estudos sobre a sociedade capitalista? Que no limite poderia conduzir, à seguinte forma ainda mais radicalizada: seria a teoria marxiana incapaz de analisar a realidade latino-americana? Como fica claro em sua exposição, para Aricó, a virtual ausência da América Latina do sistema teórico de Marx, bem como os problemas associados aos poucos

momentos em que este se volta para a região, são vistos como reflexos ideológicos de uma herança hegeliana, como veremos adiante.

Antes de seguir adiante, e mesmo correndo o risco de anteciparmos certas conclusões, é importante destacar que, ao que nos parece, a avaliação crítica do próprio esforço realizado por Aricó deve partir da pergunta inicial levantada pelo autor – que, aliás, não pode ser respondida com exatidão. Daí em diante, não resta alternativa a Aricó senão apresentar hipóteses que deem conta do descompasso entre a teoria de Marx e “a excentricidade da realidade que deveria explicar”.

Mesmos nestes termos iniciais, ou seja, sem se haver ainda apresentado as hipóteses de Aricó, já nos parece viável apontar o potencial deletério desta crítica. Se Marx pretendia explicitar “lei econômica do movimento da sociedade moderna” (1996, p. 131), sem levar em conta o fato de que a realidade do desenvolvimento em economias na periferia do capitalismo mundial seria excêntrica com relação ao desenvolvimento do capitalismo em economias centrais, está em questão se o próprio Marx seria um materialista. Poder-se-ia acusar Marx de mero “metafísico”, em termos gramscianos:

Entendemos con Gramsci que toda afirmación filosófica que se postule como algo universal al margen de la historia y la política se convierte en pura metafísica. Las verdades de la metafísica no tienen tiempo ni espacio, son (falsamente) universales y abstractas. Están separadas de la vida histórica de la humanidad; en sus formulaciones hacen completa abstracción de dicha historia y jamás explicitan los condicionamientos sociales de los que surgen los términos planteados. (KOHAN, 2005, p. 82)

Com isto não se quer dizer que a intenção de Aricó fosse descartar a teoria marxiana como ferramenta de análise fundamental para se entender o capitalismo como fenômeno global e para entender as especificidades das economias latino-americanas. Muito pelo contrário! É inegável a importância de Aricó na difusão do marxismo na América Latina e sua vontade de entender as razões para uma incompatibilidade entre a visão marxiana e aquilo que o autor efetivamente escreveu sobre o continente (um suposto paradoxo). Afirmamos, contudo, que o esforço do autor por apontar na obra de Marx os elementos que poderiam ajudar na análise dos desdobramentos do marxismo na América Latina, o esforço por apontar na obra de Marx as razões para as deformações do movimento marxista latino-americano – que por muito tempo se transformou em justificativa para o desenvolvimento burguês como etapa necessária para a superação do capitalismo – a partir do questionamento sobre o porquê da pouca atenção dispensada por Marx à América Latina conduz a uma crítica que desconsidera aspectos metodológicos fundamentais em Marx e, por fim, pode servir de argumento para os que defendem que a teoria marxiana não seria relevante como ferramenta de análise da sociedade capitalistas e, portanto, como guia para a prática revolucionária<sup>7</sup>.

---

<sup>7</sup> É importante ressaltar que Aricó aponta para a existência de um “corte epistemológico” na teoria marxiana. Ou seja, o autor defende que essas dizem respeito apenas aos trabalhos de Marx até certa época, mas especificamente até seu

Em suma, e finalmente, indaga Aricó:

por que Marx não aplicou, no exame da realidade latino-americana, uma série de observações extraídas da análise de outras sociedades, semelhantes às nossas, que eram da mesma forma ‘atrasadas’ em relação ao capitalismo europeu, apesar de ter um conhecimento adequado para fazê-lo e dispor, com facilidade, de meios para complementá-lo? (ARICÓ, 1982, p. 65)

Ou, posto de outra forma:

como é possível que Marx se descuidasse, explícita ou implicitamente, da realidade latino-americana, se sua perspectiva de análise o colocava, forçosamente, frente a frente com uma das peças fundamentais do sistema econômico e político instituído pela Inglaterra? (Ibid.)

A resposta de Aricó à questão segue um caminho não pouco usual para as críticas à teoria de Marx: a pouca atenção dispensada à América Latina encontraria explicação na suposta “dificuldade de abandonar por completo a herança filosófica hegeliana”. Nesse sentido, as duas hipóteses levantadas por Aricó para responder sua pergunta inicial apontariam esse “hegelianismo” de Marx, pondo em evidência “certas tensões internas da reflexão marxiana”. (Ibid., p. 66) A primeira hipótese tenta dar conta do suposto descaso de Marx com o nosso continente através da noção hegeliana de “povos sem história” que, defende Aricó, estaria presente no pensamento de Marx pelo menos até o final dos anos 1860. A segunda hipótese reforça este argumento pela análise do texto de Marx sobre o Bolívar à luz do *bonapartismo*, através do resgate da crítica marxiana à teoria hegeliana do Estado, ou seja, a rejeição de Marx aos movimentos de independência latino-americanos e às lutas anti-imperialistas no continente seria análoga à sua oposição ao regime de Napoleão III<sup>8</sup>.

## A crítica ao “hegelianismo de Marx”

A primeira hipótese, portanto, refere-se ao peso que pode ter tido na consideração marxiana de ‘caso latino-americano’ a herança filosófica hegeliana que, como é sabido, não destinava à América nenhum lugar autônomo na história universal do espírito humano. Como acabamos de indicar, é indubitável que, numa primeira etapa de seu pensamento, Marx tendeu a ver as realidades não europeias com lentes hegelianas. (Aricó, 1982, p. 67)

Segundo Aricó, Marx entenderia a América Latina de maneira análoga à Ásia, cuja apreensão teórica teria sido muito influenciada “pela leitura da ampla seção que Hegel dedica ao ‘mundo oriental’ em suas *Lecciones sobre la Filosofia de la Historia Universal*”. Assim, as estruturas econômico-sociais destas sociedades fariam delas um “típico fenômeno estacionário e

---

estudo sobre o caso Irlandês. No entanto, após esta suposta ‘virada’ com relação ao tratamento de questões relacionadas a economias periféricas, Marx continuaria a dispensar muito pouca atenção à América Latina. Aricó, no entanto, desvia-se do problema afirmando que teria Marx escrito mais sobre a América Latina do que se pensava antes, sem, contudo, dizer quais textos seriam estes.

<sup>8</sup>Voltaremos ao assunto em breve, mas desde já, segundo Miliband (1991, p. 55): “In the writings of Marx and Engels this refers to a form of regime in capitalist society in which the executive part of the state, under the rule of one individual, achieves dictatorial power over all other parts of the state, and over society. Bonapartism thus constitutes an extreme manifestation of what, in recent Marxist writing on the state, has been called its ‘relative autonomy’”.

fixo que permanecia fora da história universal”. (Ibid.) A tendência imanente ao modo de produção capitalista a universalizar esta forma específica de sociabilidade com potencial transformador, nunca antes existente na história da humanidade, levaria à “constituição da ‘história universal’[...] como um ‘produto’, um resultado da universalização das relações capitalistas”. (Ibid., p. 68)

Aqui cabe uma pausa. Atentemos para o fato de que usar a categoria “história universal”, de Hegel, como metáfora para a tendência à universalização das relações sociais capitalistas, identificada por Marx, é um expediente perigoso (para dizer o mínimo), uma vez que o movimento próprio do processo de acumulação de capital em sua totalidade, que se impõe como norma para diversas regiões do planeta a partir da Europa ocidental (o berço do modo de produção capitalista), não é, em Marx, um fato abstrato da “autoconsciência” do Espírito Universal, mas um fato material (i.e., não ideal), “poder que adquire um caráter cada vez maior de massa e se revela, em última instância, como o *mercado mundial*”. (Marx apud Aricó, 1982, p. 68)

Aricó recorre então ao *Manifesto do Partido Comunista* para concluir que se tratava, para Marx, de identificar quais dos “povos sem história” seriam capazes de entrar “no rol das nações vitais”. (Ibid., p. 68-69) Nada melhor do que deixar que o autor analisado apresente seu próprio argumento:

Uma vez questionada a ideia fortemente arraigada na cultura europeia, e da qual Hegel foi sua expressão totalizadora, de um processo de *repetição histórica* realizada pelos povos relegados com relação às nações avançadas, a tarefa que se impunha a Marx era a de analisar as características econômicas, sociais e políticas do presente que permitia prever a realização nacional dos países submetidos ao capitalismo. (...) Um povo só pode aceder à história desde que exista uma estrutura econômico-social que o possibilite e uma força social capaz de dominar todo o processo. A presença destes traços era afirmada por Marx nos casos em que analisava. (Ibid., p. 82)

Exatamente aqui reside o ponto nevrálgico da questão: “onde encontrar na América Latina o *fundamento real* da luta pela realização nacional?” (Ibid.) A insistência em usar categorias estranhas ao pensamento de Marx, que remetem a um suposto hegelianismo, talvez seja um sintoma dos equívocos que desejamos apontar. Isto é, Aricó insiste em tratar o desenvolvimento de economias pré-capitalistas como uma questão de “acessão à história”. Cabe perguntar se, por acaso, os povos das nações capitalistas, sujeitos a uma dinâmica social incontrolável, exposta primorosamente por Marx na teoria do fetiche e presente desde escritos da juventude do autor como teoria da alienação/estranhamento, teriam “acedido à história”.

Mais do que isso, nos interessa apontar aqui que a excentricidade do caso latino-americano com relação ao da Europa ocidental seria o motivo apontado por Aricó para o descaso de Marx com esta parte do mundo que, apesar disso, teve papel fundamental para a formação e expansão do sistema capitalista desde a chegada dos europeus ao continente.

Se na época da reflexão marxiana a América aparecia como um imenso território *vazio*, virtualmente capaz de absorver a superpopulação europeia gerada pelo capitalismo, cuja escassa população autóctone era considerada como tribos ainda relegadas ao estado natural do selvagismo e incultura; se as repúblicas sul-americanas fundavam exclusivamente sua estrutura social na presença ordenadora e despótica de um poder militar; se, no que se refere aos seus elementos constitutivos básicos, a América não completara nessa época sua etapa de formação ela estava instalada em um tempo histórico cujas determinações essenciais, autônomas, próprias, só podiam constituir-se no futuro. Dessa forma, Marx podia sentir-se identificado com as palavras de seu mestre Hegel, que em suas *Lições sobre a Filosofia da História Universal* afirmava que o que acontecia no Novo Mundo não passava de eco do Velho Mundo e, portanto, de reflexo de uma vida alheia. (Ibid., p. 82-83)

Portanto, “identificado com as palavras de seu mestre Hegel”, Marx teria motivos de sobra para excluir a América Latina de seu “campo de interesse”. Pedimos licença ao leitor para salientar o óbvio: Marx era um ser humano de carne e osso; mais ainda, era um alemão do século XIX, que praticamente não colocou seus pés fora da Europa ocidental. Como não podia se ocupar em escrever sobre todas as partes do mundo capitalista, deveria fazer escolhas. Parece claro que, nesse momento, a América Latina estava fora de seu foco principal. A questão é se os motivos dessa escolha teriam sido os apontados por Aricó. Marx herdou, “de seu mestre Hegel”, de fato o pensador que mais o influenciou, a descoberta de que as sociedades devem ser apreendidas teoricamente enquanto totalidades, ou seja, como um “complexo” formado por “complexos” que são, em si mesmos, totalidades e possuem, portanto, autonomia relativa<sup>9</sup>. Assim, qualquer parte do mundo seria do interesse para um autor que tinha por objeto de pesquisa (de uma vida inteira) a sociedade capitalista! As possibilidades revolucionárias que se anunciavam para as diversas partes do mundo; a facilidade em se obter informações sobre algumas regiões, em detrimento de outras, a partir da Europa; as questões da ordem do dia, ou seja, o que estava sendo discutido na Europa e no movimento revolucionário europeu; etc. Muitos motivos poderiam ser conjecturados para responder à pergunta inicial de Aricó. O que não parece razoável é que Marx tenha adotado um critério tão abstrato quanto a adesão a um modelo estabelecido *a priori*, que seria capaz de definir um povo como “histórico” ou “não-histórico”. Se tivesse sido este o caso, poder-se-ia argumentar que entre a realidade concreta, a ser examinada, e os critérios pré-estabelecidos de um sistema classificatório, Marx teria dado prioridade ao último.

Se o não se encaixar a um modelo abstrato elaborado de acordo com a realidade dos movimentos nacionais europeus foi o critério para o suposto descarte da América Latina, não mereceria Marx o epíteto de “eurocêntrico” ou “europeísta”? Aricó argumenta que reduzir uma teoria tão complexa quanto a de Marx em uma categoria ambígua quanto o “europeísmo” seria inadequado por expulsar da análise da obra de Marx “a história de uma evolução que compreende períodos, viragens, novos descobrimentos e diferentes perspectivas”. (Ibid., p. 38) No entanto,

---

<sup>9</sup> Cf. Lukács (1978).



Condenada a um presente aberto apenas à perspectiva imediata de uma repetição do caminho percorrido pela Europa, a América interessava unicamente em sua relação *externa* com a Europa; era esta que se reconhecia naquela, que, através desse singular espelho americano, aprofundava o conhecimento de si mesma, de seus limites e virtualidades: a 'América' só existe na 'Europa'. (Ibid., p. 83)

A questão aqui não é até que ponto Marx, de fato, estaria preso aos preconceitos europeus com relação ao “novo mundo” comuns à sua época. Mas, nada mais eurocêntrico do que considerar a existência de uma região do mundo apenas à luz de sua relação com a Europa. Ou seja, se por um lado Aricó se recusa a aceitar o suposto “europeísmo” de Marx, por outro retoma a acusação de maneira ainda mais taxativa. Não resta dúvida que se Aricó estivesse certo, Marx mereceria de fato ser chamado de eurocêntrico. Porque se é óbvio que “seria impossível encontrar neste processo de construções de estados algo idêntico ou semelhante ao ocorrido na Europa, por exemplo” (Ibid., p. 85), isso não significa que a teoria marxiana não fosse capaz de dar conta da realidade periférica latino-americana.

O problema é que, em última instância, ainda que esse não tivesse sido o seu objetivo, Aricó caminha por uma linha tênue demais, conduzindo, em certos momentos, a afirmações que colocam uma incognoscibilidade da América Latina na teoria marxiana:

Com efeito, qual era, para Marx, o presente latino-americano? Uma *inexplicável* multiplicação de Estados extremamente débeis, manejados por restritas oligarquias carentes de espírito nacional ou por caudilhos, geralmente militares, incapazes de impedir a fragmentação territorial e de assegurar a presença de um poder nacional, a não ser através de ferozes ditaduras, quase sempre efêmeras; países frágeis sujeitos à dominação econômica e à subordinação política do imperialismo capitalista. (Ibid., p. 88. Grifos nossos)

Nesse caso, sequer seria suficiente apontar para a evolução do pensamento marxiano, pois se este de fato evoluiu ao longo da vida do autor, repetimos, apresenta notável unidade metodológica entre as obras da juventude e os escritos da maturidade. É exatamente esta unidade que nos permite afirmar que Marx, desde o início, estava disposto a entender a sociedade burguesa enquanto totalidade, o que implica em se levar em conta as diferenças e inter-relações entre os países economicamente desenvolvidos e os atrasados. Encontrar um continente já subordinado ao fluxo mercantil internacional que não se encaixasse no seu modelo teórico seria antes motivo para a revisão de toda a teoria, para o obsessivo estudo daquela realidade (em se tratando de Marx), do que a eliminação da região em questão do espectro de suas preocupações. Não obstante, Aricó afirma que:

Resumindo, pode-se afirmar que foi através do privilegiamento do caráter arbitrário, absurdo e irracional do processo latino-americano, pela impossibilidade de visualizar nele a presença de uma luta de classes que fosse expressão de seu movimento real e que, portanto, firmasse sua sistematização lógico-histórica, que Marx se viu obrigado a recolocar a noção, *sempre presente no fundo do seu pensamento*, de “povos sem história”. (Ibid., p. 105-106. Grifos nossos)

## Raízes no *antibonapartismo*?

Como pretendemos demonstrar, é no exacerbado *antibonapartismo* de Marx que é possível localizar as razões políticas que provocaram a ressurreição da noção e essa espécie de cegueira sofrida pelo pensamento marxiano. (ARICÓ, 1982, p. 92)

Se às vezes Aricó afirma que a realidade latino-americana seria simplesmente inapreensível no esquema teórico marxiano, em outros momentos afirma que Marx teria desenterrado a noção de “povos sem história” do fundo do espólio hegeliano devido ao seu exacerbado *antibonapartismo* – ou seja, por identificar no processo de formação das nações latino-americanas liderado por Bolívar um paralelo com o regime instituído pelo golpe de Estado de Luís Bonaparte, na França de 1851. Chegamos, portanto, à segunda hipótese apresentada em *Marx e a América Latina*.

De início, faz-se necessária a seguinte ressalva: o que se pretende analisar aqui não é se o conceito de *bonapartismo* em Marx pode ou não ser usado para entender a formação dos Estados-Nacionais na América Latina. O que nos parece inapropriada é a remissão a Hegel, novamente feita por Aricó, para tentar explicar o papel subordinado de nosso continente nos escritos de Marx e as conclusões que daí são derivadas.

Segundo Aricó, Marx teria se negado a tentar extrair o “núcleo racional” dos acontecimentos aparentemente inexplicáveis da América Latina por rechaçar a noção de estado como produtor da sociedade civil. Parece-nos, entretanto, que neste ponto do argumento Aricó confunde níveis de abstração muito diversos: a noção geral de Estado, em nível mais elevado de abstração; e a manifestação concreta do Estado no contexto latino-americano da primeira metade do século XX. A rejeição à noção hegeliana de estado significa que, para Marx, Hegel não fora capaz de compreender adequadamente o lugar do Estado na sociedade burguesa. Não faz o menor sentido, no pensamento marxiano, a existência concreta de um “estado hegeliano” em determinado lugar. Neste sentido a categoria “estado”, em Hegel, seria uma abstração espúria, isto é, que não estaria fundamentada na realidade concreta, não seria adequada para se entender a verdadeira função social do Estado na sociedade capitalista.

No entanto, segundo Aricó, Marx não seria capaz de vislumbrar a riqueza de inter-relações entre a sociedade, em geral, e o Estado:

É precisamente isto o que tende a perder de vista o pensamento marxiano, ao operar uma projeção elíptica da imanência setorial do “econômico” sobre a totalidade das relações sociais e de sua história enquanto transformação permanente.

O ataque da concepção hegeliana do estado teve o efeito contraditório de obscurecer sua visão de um processo caracterizado por uma relação *assimétrica* entre economia e política, de modo que não podendo individualizar o “núcleo racional” constitutivo do processo – a “lei de movimento” da sociedade – Marx reduziu a “política” a puro arbítrio, sem poder compreender que era precisamente nessa instância onde o processo de construção estatal tendia a se coagular. Lembremos que a negação do estado como centro produtor da sociedade civil é um princípio constitutivo do pensamento de Marx. (Ibid., p. 107)

Assim, a afirmação de Aricó, de que Marx teria sido negligente com relação à realidade latino-americana devido à sua rejeição à noção de estado em Hegel, descamba para uma crítica à própria noção marxiana de Estado. Essas incompreensões fazem Aricó ir mais além:

(...) o jovem Marx desemboca na crítica da política como instância autonomizada da sociedade civil. Daí para a frente, a crítica da política será uma direta emanção da crítica da economia política, e do sistema marxiano ficará, finalmente, excluída uma teoria e uma análise positiva das formas institucionais e das funções do político. A reiterada negativa em dotar a esfera estatal de eficácia própria derivaria, portanto, não do estado “incompleto” em que ficou seu sistema global por ocasião de sua morte, mas das consequências inevitáveis de sua própria modalidade de constituição. (p. 109)

Conclui-se daí que o esforço teórico de Marx para compreender as leis gerais que regem o movimento do processo de acumulação de capital, referida acima como “crítica da economia política”, dado o expediente adotado por Marx de apresentar sua teoria a partir da crítica imanente à economia política clássica, seria inadequado para compreender o *mercado mundial*, isto é, a forma como os diferentes países se inserem na lógica capitalista mundial.

## **A título de conclusão**

*Marx e a América Latina* de José Aricó é, indubitavelmente, uma das mais importantes pesquisas realizadas para o marxismo latino-americano. O estudo é marcado por um grande conhecimento da obra de Marx e sistematiza criticamente um amplo conjunto de análises sobre a difícil análise marxiana acerca da realidade no continente. Acreditamos que o autor tem razão em apontar para evolução do pensamento marxiano em direção a análises cada vez mais profundas sobre os povos não capitalistas (ainda que a América Latina tenha continuado a ser excluída dessa análise) e em rechaçar a hipótese de um eurocentrismo em Marx (ainda que esta afirmação por vezes vá de encontro com a própria análise de Aricó, como tentamos mostrar).

Parece-nos que uma conclusão que pode ser retirado de Aricó, em se aceitando suas teses, é a de que a teoria de Marx não seria suficiente para entender a realidade latino-americana e que, portanto, os esforços do final da vida do Marx apontariam para uma outra teoria. Aricó rejeita as teses de que Marx seria eurocêntrico, por serem, segundo o autor, simplistas demais, mas relega a validade da teoria de Marx da realidade não excêntrica europeia, pelo menos até certo período.

Defendemos, porém, que é preciso perceber não só a evolução, mas também destacar a unidade teórica de Marx da sua juventude até a sua morte. Marx tinha por objeto de estudo a sociedade capitalista, identificada desde cedo como uma forma alienada de sociabilidade e apresentava desde cedo as bases metodológicas que norteariam seus trabalhos até o fim de sua vida.

Quando olhamos para a obra de Marx desde esse ponto de vista, podemos descobrir que o sentido da *historicidade* ali não pode ser identificado com a visão hegeliana – ainda que se tente confinar essa identidade à análise especificamente da América Latina. Se aceito que a rejeição de Marx é algo mais que casual, é preciso um esforço por compreender em seus termos a utilização de noções como *história universal* e, mesmo, de *povos sem história*<sup>10</sup>. O mesmo ocorre com a relação entre as perspectivas de Marx e Hegel sobre o *Estado* como apresentada por Aricó e, de modo daí derivado, do entendimento de *prioridade da economia* aparece no trabalho deste. Acreditamos que seguindo nessa direção encontraríamos um terreno mais fértil para entender a perspectiva marxiana – acerca da América Latina, mas não só, de uma forma de sociabilidade que já há muito tomou todo o globo.

A título de conclusão, devemos observar que embora fundamental, a obra de Aricó encontra sua grande deficiência na pergunta que pretende responder. Talvez se possa afirmar mesmo que seu ponto chegada esteja condicionado pelo de partida. Pois como observa, Zizek (2013):

As important as providing answers and a condition for it, maybe even the condition, is to ask the right question. There are not only wrong answers. There are also wrong questions. There are questions which deal with a certain real problem but the way they are formulated they effectively obfuscate, mystify, confuse the problem.

É evidente que entender o continente latino-americano e sua história em toda sua complexidade é uma tarefa fundamental colocada para todos os marxistas – e, em especial, para aqueles que habitam essa parte do planeta. Igualmente relevante, ao menos para os marxistas, é aprofundar a compreensão sobre o modo como Marx via o mundo. Mas a resposta sobre a melhor forma de lograr esses objetivos pode estar escondida por trás de outras perguntas, sob a análise que Marx nos legou sobre a dinâmica de funcionamento do capitalismo etc., que não se revelam na questão direta sobre a “ausência” latino-americana.

---

<sup>10</sup> O assunto tem, evidentemente, importância decisiva para o presente estudo, mas não poderá ser aprofundado neste momento, fazendo parte de um esforço mais amplo ainda em andamento.

## REFERÊNCIAS

ANDERSON, K. *Marx at the margins: on nationalism, ethnicity, and non-western societies*. Chicago: University of Chicago, 2010.

ARICÓ, J. *Marx e a América Latina*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

BURGOS, R. *Os gramscianos argentinos: cultura e política na experiência de Pasado y Presente*. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Campinas, 1999.

CRESPO, H. Celebración del pensamiento de José Aricó. In: \_\_\_\_\_. *José Aricó*. Córdoba: Agencia Córdoba Cultura, 2001. Disponível em: [www.arico.unc.edu.ar/pdf/crespo.pdf](http://www.arico.unc.edu.ar/pdf/crespo.pdf). Acesso em: 17 de set. 2013.

KOHAN, N. *Recordar a Pancho Aricó... discutir a Pancho Aricó*. La rosa blindada, 07 de jul. 2013. Disponível em: <http://www.rosa-blindada.info/?p=2326>. Acesso em: 17 de set. 2013.

KOHAN, N. *Simón Bolívar y nuestra Independencia: una lectura latinoamericana*. [s.l.]: Ediciones Digitales de La Rosa Blindada, 2013.

MARX, K. Bolívar y Ponte. In: SCARON, P. (Org.) *Materiales para la historia de América Latina*. Córdoba: Cuadernos de Pasado y Presente, 1972.

MARX, K. Carta a Fredrich Engels em 14 de fevereiro de 1858. In: SCARON, P. (Org.) *Materiales para la historia de América Latina*. Córdoba: Cuadernos de Pasado y Presente, 1972b.

MARX, K. *O capital: crítica da economia política*. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

MILIBAND, R. Bonapartism. In: BOTTOMORE, T. (Ed.) *A dictionary of Marxist thought*. Oxford; Malden: Blackwell Publishers, 1991.

RAMOS, J. A. *El marxismo de Indias*. Buenos Aires: Ediciones de la Izquierda Nacional, 2012.

ROSDOLSKY, R. Engels and the ‘Nonhistoric’ Peoples: The National Question in the Revolution of 1848. *Critique: Journal of Socialist Theory*, 18 (special issue).

SALUDJIAN, A.; AUGUSTO, A.; MIRANDA, F.; CORREA, H.; CARCANHOLO, M. Marx’s theory of history and the question of colonies and non-capitalist world. In: *Anais do Fourth Annual Conference in Political Economy*, jul. 2013.

SCARON, P. (Org.) *Materiales para la historia de América Latina*. Córdoba: Cuadernos de Pasado y Presente, 1972.

ZIZEK, S. *The Purpose of Philosophy is to Ask the Right Questions (Video)*. Big think, 16 de ago. 2013. Disponível em: <http://bigthink.com/videos/the-purpose-of-philosophy-is-to-ask-the-right-questions>. Acesso em: 22 de set. 2013.